

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A ESCOLA URBANA E RURAL

School Physical Education: A Comparative Study  
Between Urban and Rural School

Emerson Keller Martins<sup>1</sup>  
Flademir Ari Galvão Gress<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar os conteúdos aplicados em uma escola da zona urbana e uma escola da zona rural. Caracteriza-se por ser uma pesquisa comparativa causal. Participaram do estudo 03 professores da cidade de Urupá-RO, selecionados de forma intencional. Foi utilizado um questionário de perguntas fechadas com doze questões onde buscou-se investigar a formação do professor e a estrutura de sua aula. Quanto ao nível de motivação, o Prof.1 e o Prof.3 apresentaram média motivação e o Prof.2 nível de motivação alta. Todos os entrevistados cumprem com a estrutura, com excessão da questão a respeito do esclarecimento dos objetivos da aula e expectativa que apenas o professor 1 cumpre com este requisito. Pode-se concluir que, precisa haver uma mudança no pensar e agir da Educação Física escolar, tanto na zona urbana quanto na zona rural, os professores deveriam ir em busca de novos meios de aprendizagem no que se refere à sua formação.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, zona urbana, zona rural.

### Abstract

The aim of this study was to investigate the contents applied in a school in the urban area and a rural school and compare them by analyzing the differences and similarities that may appear. It is characterized by being a descriptive study. The study included 03 teachers city Urupá-RO, selected intentionally. As inclusion criteria the participant should be acting in the public schools. The questionnaire of closed questions with twelve issues where we sought to investigate the formation and structure of the teacher of his class. One can identify that all teachers underwent specialization, but did not perform any more improvement. Regarding the level of motivation, and Prof.1 Prof.3 showed average Prof.2 motivation and motivation level high. All respondents comply with the structure, with the exception of the question regarding the clarification of the objectives of the lesson and the teacher expectation that only one meets this requirement. It can be concluded that there must be a change in thinking and acting of Physical Education, both in urban and in rural areas, teachers should go in search of new ways of learning with regard to their training.

**Keywords:** Physical Education, urban area, rural area.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física CEULJI/ULBRA

<sup>2</sup> Professor Orientador Curso de Educação Física CEULJI/ULBRA

## INTRODUÇÃO

Atualmente entende-se que a Educação Física, como disciplina escolar, deve tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida<sup>1</sup>.

Não se trata evidentemente de desprezar tais práticas no contexto escolar, mas, sim, de ressignificá-las. Há uma variedade enorme de aprendizagens a serem conquistadas, bem como propostas de reflexão sobre as diferentes formas de atuação do professor na condução do ensino, tendo em vista uma formação de acordo com as novas proposições para a Educação Física no ensino médio<sup>1</sup>.

Por isso, nas aulas de Educação Física os alunos devem produzir e ler diferentes textos corporais – uma dança, um jogo ou um esporte –, percebendo-os, interpretando-os e também sendo capazes de atuar como protagonistas conscientes dessas manifestações culturais. Como se vê, o conceito está relacionado às competências de leitura, interlocução, protagonismo e produção de sentido na linguagem corporal<sup>1</sup>.

Com o intuito que os profissionais colocassem as diretrizes do PCN+ em prática o Ministério da Educação por meio de suas orientações, estabeleceu como ponto de partida para a discussão acerca das práticas corporais no processo educativo, uma leitura da realidade pelas práticas corporais permite fazer com que essas se tornem “chaves de leitura do mundo”. Considerando então, que as práticas corporais dos sujeitos passam a ser mais uma linguagem, nem melhor nem pior do que as outras na leitura do real, apenas diferente e com métodos e técnicas particulares<sup>2</sup>.

Pode-se dialogar em uma aula de Educação Física com outras linguagens, como a escrita ou a linguagem audiovisual. Porém, as práticas corporais possuem valores nelas mesmas, sem a necessidade de serem “traduzidas” para outras linguagens para obter o seu reconhecimento. Estão diretamente ligadas a uma formação estética, à sensibilidade dos alunos. Por meio do movimento expressado pelas práticas corporais, os jovens retratam o mundo em que vivem: seus valores culturais, sentimentos, preconceitos, etc. Também “escrevem” nesse mesmo mundo

suas marcas culturais, construindo os lugares de moças e rapazes na dinâmica cultural. Por vezes, acabam eles próprios se tornando “modelos culturais”, nos quais uma certa “ideia de juventude” passa a ser experimentada, copiada e vivida também por outras gerações<sup>2</sup>.

A Educação Física é o espaço escolar que permite ao aluno experimentar os movimentos, e por meio dessa experimentação, desenvolver um conhecimento corporal e uma consciência dos motivos que o levam a prática desses movimentos. Contudo, nem sempre isso acontece e parte do alunado acaba desmotivando-se pelas aulas de Educação Física<sup>3</sup>.

O diálogo das práticas corporais realizadas com outras linguagens, disciplinas e métodos de ensino deve respeitar as práticas corporais como sendo elas mesmas um conjunto de saberes. Os saberes tratados na Educação Física nos remetem justamente a pensar que existe uma variedade de formas de apreender e intervir na realidade social que deve ser valorizada na escola numa perspectiva mais ampliada de formação<sup>2</sup>.

Para Paiano<sup>4</sup> a Educação Física deve aproximar o aluno da percepção de suas atividades permitindo a articulação de suas ações de forma que entenda o que se faz, o porquê se faz e o que se sente ao fazê-la, pretendendo assim desenvolver um maior interesse pela prática das atividades.

Daolio<sup>5</sup> acrescenta ainda que a Educação Física Escolar deva estar atenta à importância cultural de sua prática, ou seja, a Educação Física deve manter uma relação com o contexto cultural que influencia a formação do acervo motor dos alunos. A partir desse acervo e de seu enriquecimento cultural, os alunos terão a possibilidade de expressarem movimentos mais livres, facilitando o processo de ensino-aprendizagem e a participação nas aulas de Educação Física.

Darido<sup>6</sup> acrescenta que o tratamento contextualizado propicia uma aprendizagem significativa para o aluno, pois estabelece uma relação de reciprocidade entre ele e o conteúdo. É possível ainda associar essa contextualização com experiências cotidianas e conhecimentos adquiridos espontaneamente, fazendo com que o aluno deixe a condição de espectador. Para que essa condição de espectador seja diminuída, também é interessante trabalhar o planejamento participativo, onde o conteúdo é formulado de acordo com os interesses dos alunos.

A postura adotada pelo professor, também é de grande importância para decisão pela prática ou não da Educação Física escolar, pois de acordo com Paiano<sup>4</sup> no contexto atual o professor deve passar por uma mudança de atitude não somente para lidar com alunos mais críticos, mas também para lidar com essa falta de motivação para participar das aulas de Educação Física escolar e achar a melhor forma de solucionar tal problema.

Mattos e Neira<sup>7</sup> colocam ainda a função de mediador de conhecimento, com a responsabilidade de transmitir as informações que serão assimiladas pelos alunos, ou seja, apresentar conhecimentos ao aluno, indicar caminhos que façam com que os alunos cheguem à solução dos problemas surgidos durante as atividades propostas em aula e dessa forma fazendo com que o aluno pense.

Já para Rangel<sup>8</sup> o relacionamento aluno-professor, pode determinar a participação ou não do aluno, não só durante as aulas de Educação Física escolar como também nas atividades extraescolares. Salles<sup>9</sup> complementa que o que mais agrada os alunos na escola é o relacionamento entre o professor e aluno. Pois os alunos querem ser ouvidos, tratados com dedicação, carinho, amizade, paciência e respeito.

Tapia e Fita<sup>10</sup> complementam ao dizerem que o processo de ensino – aprendizagem é motivador quando há uma sintonia e/ou afinidade entre o aluno e o professor cabendo então ao professor de Educação Física promover a auto-aceitação e a confiança, permitindo aos alunos desenvolverem habilidades e talentos.

Darido<sup>6</sup> nos ajuda dando a dica de que é necessária a abordagem de temas de interesse dos alunos, como: aparência, sexualidade, alimentação, dieta, capacidade física, saúde, beleza, lazer, entre outros temas. Através destas abordagens que tem significados para os alunos, o professor consegue manter a motivação constante de seus alunos.

É necessário que os profissionais da Educação Física, enquanto educadores produzam no interior da escola, junto aos seus alunos, uma mentalidade crítica, visando uma transformação da ordem social estabelecida. A principal luta da Educação Física nas escolas é torná-la um componente curricular de extrema relevância para o aluno, onde o mesmo possa através dela perceber o mundo que o

cerca, e qual o seu papel na construção de uma nova sociedade mais justa e igualitária.

Sendo assim a partir do comentado anteriormente o presente artigo tem como objetivo, investigar os conteúdos aplicados em uma escola da zona urbana e uma escola da zona rural.

## **METODOLOGIA**

### **Tipo de Pesquisa**

Esta pesquisa caracteriza-se por ser do tipo comparativa causal, por realizar um levantamento das características conhecidas ou opiniões atuais de uma população específica.

### **Sujeitos da Pesquisa**

A amostra foi constituída por 03 professores da cidade de Urupá-RO, selecionados de forma intencional. Como critério de inclusão o participante deveria estar atuando em escolas públicas.

O presente estudo foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná/ Universidade Luterana do Brasil (CEULJI/ULBRA). O participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foi utilizado um questionário de perguntas fechadas com doze questões onde buscou-se investigar a formação do professor e a estrutura de sua aula.

### **Procedimentos de Coleta de Dados**

Primeiramente foi feito um contato com as escolas para verificar as possibilidades de pesquisa, em seguida este contato foi realizado com os professores. Após terem concordado em participar da pesquisa, foi entregue um termo de livre consentimento, e o questionário, onde foi explicado cada questão para possíveis esclarecimentos. Também foi solicitado que fosse observado uma aula para melhor entender as respostas e interpretação das mesmas.

### **Análise de Dados**

O dados foram tabulados e analisados conforme respostas individuais dos entrevistados em respostas de sim e não, separados em professores da zona urbana e rural.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A tabela abaixo apresenta os resultados obtidos a partir dos questionamentos relativos à motivação profissional dos sujeitos desse estudo.

**Tabela 1:** Apresentação dos dados referentes a amostra do estudo.

Professor	Idade	Sexo	Nível Acad	Aperfeiçoamento	Motivação
01 zona urbana	27	Masculino	Especialização	Não	Média
02 zona rural	34	Feminino	Especialização	Não	Alta
03 zona urbana	35	Masculino	Especialização	Não	Média

Na tabela 1 estão apresentados as características da amostra da pesquisa. Todos os professores realizaram especialização, mas não realizaram mais nenhum tipo de aperfeiçoamento. Quanto ao nível de motivação, o Prof.1 e o Prof.3 apresentaram média motivação e o Prof.2 nível de motivação alta.

Segundo Venditti Junior *et al.*<sup>11</sup> não se pode esquecer que os professores são indivíduos que possuem motivos que também os levam a realizar determinadas ações, inclusive na escolha profissional e ambientes de atuação. Dentre os motivos, podemos destacar a realização do professor e seus conceitos na Educação Física Escolar que por sua vez, fazem parte de todo processo de motivação do professor, principalmente do professor de Educação Física.

Segundo Sandri<sup>12</sup> fatores internos interferem e interagem na resposta motivacional do professor e são fatores importantes para o entendimento do comportamento profissional, pois modificam o interesse do mesmo em realizar determinadas ações, uma vez que estão inseridos no processo educacional.

Sabe-se que poucos professores rompem a barreira da “mesmice”, fugindo da monótona e cansativa rotina que se apresenta na maioria das aulas em grande número de escolas, realizando um trabalho prático e útil, criando, motivando e fundamentando objetivos.

**Tabela 2:** A respeito da estrutura da aula do professor: Conceitual. O professor Estabelece o cenário.

<b>CONCEITUAL</b> <b>Professor Estabelece o Cenário.</b>	<b>Prof. 1</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>	<b>Prof. 2</b> <b>zona</b> <b>rural</b>	<b>Prof. 3</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>
<b>Convida os alunos para se aproximarem</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Cumprimenta os alunos</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Esclarece os objetivos da Aula/Espectativas</b>	Sim	Não	Não
<b>Apresenta o conteúdo da aula</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Explica o papel do executante</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Explica o seu papel na aprendizagem</b>	Sim	Sim	Sim

Na tabela 2, estão apresentados os dados quanto a parte inicial da aula do professor. Todos os entrevistados cumprem com a estrutura, com exceção da questão a respeito do esclarecimento dos objetivos da aula e expectativa que apenas o professor 1 cumpre com este requisito.

Santos<sup>13</sup> expõe em seu trabalho que diante das tendências pedagógicas propostas para a educação brasileira, muitos professores ainda não sabem qual o papel que deve usar para ministrar suas aulas. Embora a maioria utilize-se de teorias não críticas e acabam por produzir apenas o que lhe é imposto pela instituição.

**Tabela 3:** A respeito da estrutura da aula do professor: Procedimental. O professor inicia a aula propriamente dita.

<b>PROCEDIMENTAL</b> <b>O Professor inicia a aula propriamente dita</b>	<b>Prof. 1</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>	<b>Prof. 2</b> <b>zona</b> <b>rural</b>	<b>Prof. 3</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>
<b>Explica a logística necessária, os parâmetros (tempo, espaço, localização no espaço)</b>	Sim	Não	Não
<b>Define que os aprendizes podem ocupar espaços determinados</b>	Sim	Não	Não
<b>Movimenta-se observando os alunos</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Esclarece dúvidas dos aprendizes</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Oferece retroalimentação, valor positivo (elogia)</b>	Sim	Sim	Sim
<b>A maioria da retroalimentação, é de grupos</b>	Sim	Sim	Sim

Na tabela 3, estão representados os dados quanto a parte principal da aula do professor. Todos os entrevistados cumprem com a estrutura, com exceção das questões a respeito se o professor explica a logística necessária, os parâmetros (tempo, espaço, e localização no espaço) e se o professor define que os aprendizes podem ocupar espaços determinados, apenas um professor cumpre com o requisito.

Segundo Santos<sup>13</sup> educadores e profissionais de educação física devem mudar as ações pedagógicas, pautadas na crítica reflexiva de atos educacionais, para que essa disciplina possa alcançar o valor que realmente tem para qualquer ser humano.

**Tabela 4:** A respeito da estrutura da aula do professor: Atitudinal

<b>ATITUDINAL</b> <b>Parte final da aula: o professor</b>	<b>Prof. 1</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>	<b>Prof. 2</b> <b>zona</b> <b>rural</b>	<b>Prof. 3</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>
<b>Reúne os alunos</b>	Sim	Não	Sim
<b>Sumariza o conteúdo da aula</b>	Sim	Não	Não
<b>Alerta para melhorias necessárias</b>	Sim	Não	Sim
<b>Elogia a participação dos alunos na aula</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Agradece e despede-se</b>	Sim	Sim	Sim

Na tabela 4, estão representados os dados quanto a parte final da aula do professor. Apenas o professor 1 cumpre com todos os requisitos, o professor 2 somente elogia a participação dos alunos na aula, agradece e despede, já o professor 3 ele não sumariza o conteúdo da aula.

Segundo Dantas *et al.*<sup>14</sup> para que o processo de aprendizagem seja realizado é necessário haver uma situação estimuladora, que é a soma dos fatores que estimulam os órgãos dos sentidos da pessoa que aprende. Sendo assim, o professor deve descobrir estratégias, recursos, que podem despertar no aluno o interesse em aprender, em outras palavras, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender.

**Tabela 5:** Outras observações em relação ao clima da aula.

<b>Parte final da aula: o professor, clima da aula</b>	<b>Prof. 1</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>	<b>Prof. 2</b> <b>zona</b> <b>rural</b>	<b>Prof. 3</b> <b>zona</b> <b>urbana</b>
<b>Entusiástico</b>	Sim	Não	Não
<b>Afetivo</b>	Não	Sim	Sim
<b>Enfadonho</b>	Não	Não	Não
<b>Outros</b>	Não	Não	Não

Na tabela 5, estão representados os dados quanto ao clima da aula que o professor proporciona. Somente o professor 1 demonstrou-se entusiasmático, o professor 2 e 3 já possui o clima afetivo como predominante.

Segundo Cunha<sup>15</sup> isso significa que, além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Fica claro que não se pode transmitir todos esses aspectos descartando o aspecto afetivo- a interação professor e aluno.

Portanto, o professor tem que possuir uma série de combinações para que se possa ter uma aula onde ele possa mostrar interesse, entusiasmo, vibração e motivação. Pois não significa que se o professor for entusiasmático e afetivo que ele vai ser um bom professor, e como também, se ele for um professor que ministra suas aulas com um clima enfadonho não significa que vai ser ruim. O professor tem que usar materiais didáticos, e fazer seus conteúdos fluírem de forma que haja uma integração teórica e prática.

### **Considerações finais**

Podemos concluir que precisa haver uma mudança no pensar e agir da Educação Física escolar, tanto na zona urbana quanto na zona rural, os professores deveriam ir em busca de novos meios de aprendizagem no que se refere à sua formação. Sugere-se que haja uma nova forma de estudo e de aprimorar o conhecimento específico, a fim de contribuir com o processo de ensino aprendizagem da Educação Física. Devemos buscar uma educação diferenciada, capaz de contribuir com a formação de indivíduos autônomos donos de sua história e seus atos.

### **Referência Bibliográficas**

1. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
2. Brasil. Ministério da Educação MEC. **Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, 2006.
3. Betti M *et al.* Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** São Paulo: Editora Mackenzie. Ano 1, nº1,p73-81, 2002.
4. Paiano R. Ser... ou não fazer: o desprazer dos alunos nas aulas de Educação Física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente. **Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.** São Paulo, 1998.
5. Daolio J. Educação Física na escola: uma abordagem cultural. In: PICCOLO, Vilma Leni Nista. Educação Física escolar: ser... ou não ter?. Campinas: Editora UNICAMP, 1995.

6. Darido SC. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: V. 18, nº1 p.61-80; Jan/Mar., 2004.
7. Mattos M G; Neira MG. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte Editora, 2000.
8. Rangel B; Conceição I. Educação Física escolar: a preparação discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: 16 (3):158-167, 1995.
9. Salles LMF. **Adolescência, escola e cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
10. Tapia JÁ *et al.* **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
11. Venditti JR *et al.* Ensaio sobre a motivação do profissional de Educação Física escolar e sua atualização profissional e acadêmica: reflexões, discussões e estratégias de formação continuada. *Efdeportes*, Buenos Aires, v. 13, n. 120,13 maio 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd120/motivacao-do-profissional-de-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 08 out. 2012.
12. Sandri SF. Professores de educação física: (Des) Motivados nas Práticas Pedagógicas das Escolas Públicas Estaduais de Francisco Beltrão/Paraná?. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/870-4.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2012.
13. Santos JC. A Educação Física no espaço escolar. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd147/a-educacao-fisica-no-espaco-escolar.htm>>. Acesso em: 15 out. 2012.
14. Dantas ES *et al.* Motivação em sala de aula: estimular é preciso. *webartigos.com*, Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/motivacao-em-sala-de-aula-estimular-e-preciso/83124/>>. Acesso em: 08 out. 2012.
15. Cunha M I. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1996.